

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo Norbert Elias

The collapse of civilization: The conditions of possibility of National Socialism according to Norbert Elias

Débora de Araujo Medeiros*

RESUMO: O período de dominação do nacional-socialismo inaugurou um mal sem precedentes na História. As barbaridades cometidas pelo regime, destacadamente contra o povo judeu, provocaram uma ruptura com os todos os padrões morais vigentes; promoveram “o colapso da civilização”. Ainda hoje, pairam no ar questões fundamentais que nos atormentam a todos, velhas e novas gerações: como a nação alemã civilizada fora capaz de deixar-se seduzir por uma crença tão delirante e criminosa como a de Hitler? Como foi possível o Holocausto ser perpetrado em uma sociedade desenvolvida, entre pessoas civilizadas? Para responder a essas questões, Norbert Elias, que viveu aqueles tempos sombrios, dedica-se à análise do contexto da formação da personalidade, da estrutura social e do comportamento do alemão, os quais, combinados, permitiram a ascensão de Hitler ao poder e os genocídios nazistas.

PALAVRAS-CHAVE: Nacional-Socialismo; colapso da civilização; contexto alemão; Norbert Elias.

ABSTRACT: The period of domination of the National Socialism introduced an unprecedented evil in History. The atrocities committed by the regime, notably against the Jewish people, caused a rupture with all the current moral standarts; promoted "the collapse of civilization". Even today, core issues that stun us all, old and new generations, still hang in the air: how could the civilized German nation be seduced by a belief as delusional and criminal as Hitler's? How could the Holocaust be perpetrated in a developed society, among civilized people? To answer these questions, Norbert Elias, who lived through those dark times, is dedicated to the analysis of the context of personality formation, social structure and behavior of the German, which, combined, allowed the rise of Hitler and the Nazi genocide.

KEY-WORDS: National Socialism; collapse of civilization, the German context, Norbert Elias.

Introdução

Norbert Elias, situado no contexto do nacional-socialismo, precisou de quase duas décadas para ser capaz de escrever sobre o período de domínio nazista em que se deram a implacável perseguição dos judeus e o extermínio de milhões deles pelo mundo, dentre os quais o da sua própria

* Mestranda em Filosofia pela UNB. Contato: debeemed@yahoo.com.br

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

mãe, morta nas câmaras de gás em Auschwitz, por volta de 1941. Para quem viu de tão perto o horror de tal regime, era necessário não só fôlego para se lançar na tarefa de analisar tempos tão sombrios, mas, sobretudo, autodistanciamento e imparcialidade quase sobre-humanos. *Os alemães (Studien über die Deutschen)* foi publicado em 1989, um ano antes de Elias falecer. Trata-se, na verdade, de um compêndio de textos, ensaios e conferências elaborados ao longo de anos. Para este artigo, o foco central com relação a essa obra será o seu quarto capítulo: *O colapso da civilização*. Este foi um ensaio escrito originariamente em inglês, sob o título *The collapse of civilization*, em 1961-62, cuja elaboração foi motivada pelo julgamento de Eichmann em Jerusalém¹. Para Elias, o julgamento em questão simbolizou um marco na história contemporânea, na medida em que trouxe à tona a lembrança dos crimes nazistas. Neste sentido, ele afirma:

Antes do julgamento de Eichmann, a enorme capacidade humana para esquecer coisas dolorosas, sobretudo se aconteceram a outras pessoas relativamente impotentes, já tinha começado a fazer seu trabalho. A lembrança de como um Estado moderno tinha desejado exterminar uma detestada minoria estava se esvaindo aos poucos do espírito das pessoas. O julgamento de Jerusalém reativou a memória, colocando uma vez mais em foco, de modo abrupto, os crimes nazistas. Tornou-se inválida toda a discussão sobre se teria sido preferível, ou não, deixar que a lembrança dos assassinados e dos assassinos caísse na obscuridade com, no máximo, meia dúzia de parágrafos dispersos num livro de história como epítáfios. Agora, as lembranças voltavam. E eram instrutivas as circunstâncias desse retorno.²

Elias sustentou nesse texto que, paralelamente à recordação mundial do massacre dos judeus pelos nazistas, o julgamento de Eichmann trouxera muitas indagações, como as próprias questões postas na abertura deste trabalho, bem como reflexões profundas sobre a condição humana. Elias, instigado pelo caso Eichmann, que levantara o véu que encobria “o lado mais sombrio de seres humanos civilizados”, dedicou-se, neste texto, à investigação e “compreensão”³ das condições sociais que possibilitaram o advento de uma forma de extermínio em massa sem precedentes no seio de uma sociedade civilizada do século XX.

Norbert Elias e as condições de possibilidade do nacional-socialismo

¹ Para maiores detalhes sobre este julgamento, sugere-se a leitura de *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, de Hannah Arendt, inscrito em 1963. Trata-se de uma das análises mais elaboradas e polêmicas do referido julgamento em face do carrasco nazista, Adolf Eichmann.

² ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 269.

³ Arendt, no prefácio de *Origens do totalitarismo*, afirma: “Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e superar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós”. (ARENDR, 2009b, p. 12).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

Como explicar que atos tão atrozes, perpetrados pelos alemães nazistas, pudessem ter ocorrido numa sociedade tão desenvolvida, entre pessoas civilizadas? Para Elias, havia “o pressuposto tácito de que o genocídio iniciado por Hitler era uma exceção.”⁴ No entanto, na sua concepção, esse tipo de explicação não revelava muita coisa. Ao contrário, deixava encobertas as questões mais fundamentais para realmente se compreender esses eventos tidos como incompatíveis com os padrões considerados distintivos das sociedades modernas desenvolvidas. Então, ele sugere uma abordagem da questão em outros termos: “seria mais proveitoso investigar as condições nas civilizações do século XX, as condições sociais, que propiciaram barbarismos desse gênero e que poderiam favorecerê-los de novo no futuro.”⁵

Entre os elementos determinantes do desenvolvimento da Alemanha que culminaram com a ascensão de Hitler e do regime nazista ao poder, Elias destaca a extensão territorial. Durante longo tempo, os alemães estiveram envolvidos em conflitos internos, em decorrência das inúmeras subdivisões do Primeiro Império alemão. Essas lutas constantes provocaram rompimentos e fragmentações, resultando em enfraquecimento da Alemanha perante as outras nações europeias. Para Elias, a fragilização e a impotência do Estado alemão frente aos demais repercutiram negativamente na autoimagem dos alemães, os quais passaram a se ver como indivíduos impossibilitados de conviver pacificamente. Disso, advieram duas consequências marcantes para a sociedade alemã: (i) o receio de não encontrar um modo pacífico de convivência, e (ii) o anseio de uma autoridade central suficientemente forte para pôr fim à dissensão. Então, na visão de Elias, a combinação desses dois traços da personalidade alemã

Prepararam o terreno para uma predisposição a reagir, de um modo específico, à experiência traumática de fragmentação – o sentimento, que se firmou repetidas vezes, de que a disposição natural dos alemães significa estarem eles destinados a permanecer desunidos, a menos que um homem forte – um Kaiser ou um Führer – surja e seja capaz de protegê-los de si mesmos, não menos que de seus inimigos.⁶

O histórico de discórdias e conflitos

Além disso, segundo Elias, o histórico de discórdias e conflitos da Alemanha levou a uma verdadeira aversão dos alemães pela democracia parlamentar, marcada pelos debates políticos na arena pública multipartidária. Este era outro fator determinante apontado por Elias para o surgimento do

⁴ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 270.

⁵ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 271.

⁶ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 284.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

nacional-socialismo. Os alemães repugnavam todo e qualquer resquício de desavença, de dissenso. Disso, adveio, nesta concepção, o anseio tão fortemente arraigado na sociedade alemã por ordem e disciplina bem como de uma fonte central de poder. Elias destaca que, no decorrer dos anos de 1920-30, entre as pessoas cultas e educadas da sociedade alemã, podiam-se ouvir frases como: “a democracia parlamentar pode ser muito boa para americanos e britânicos, mas não serve para nós. É não-alemã.”⁷ Esse desejo profundo do povo alemão pela vinda de um homem forte e disciplinador a conduzir o seu país estava, portanto, ligado ao passado histórico daquela sociedade. As lembranças do grande império alemão de outrora não se tinham apagado da memória de grande parte dos alemães. Tanto é que conceitos daquela época foram mantidos vivos com alta carga significativa; dentre eles, o termo *Reich*. Assim, segundo Elias, ganhou força a tendência entre os alemães a construir uma idealização do que acreditavam que a Alemanha deveria voltar a ser. Criou-se, assim, um “nós-ideal” alemão.

Em 1871, a Alemanha parecia caminhar para a afirmação da imagem ideal tão fortemente sonhada pelos alemães. O novo Estado alemão voltou a unificar-se e, por um tempo, ostentou a condição de potência europeia. Entretanto, em 1918, a Alemanha amargou outra derrota. A partir daí, vieram os chamados “anos decadentes da República de Weimar”⁸. Para Elias, o idealizado *III Reich* foi a derradeira tentativa dos alemães de ressuscitar o *Reich* vitorioso com que tanto sonharam. Portanto, o orgulho nacional e a autoestima coletiva dos alemães, comparativamente com outras nações, apresentavam muito mais fragilidades e instabilidades. Para Elias, esses reveses pelos quais passou a Alemanha, tão fortemente abalada em sua autoestima por constantes conflitos e derrotas, trouxeram grande insegurança para os alemães, de modo que eles

Eram inclinados a suspeitar de que os outros os olhavam com desdém. Quase pareciam esperar isso e eram propensos, com ou sem razão, a ficar indignados e, como reação, a enfatizar com especial veemência sua própria superioridade. Até em seus próprios sentimentos tendiam a flutuar entre uma acentuada depreciação e uma acentuada sobre-estimação de si mesmos.⁹

As oscilações na autoestima coletiva dos alemães

⁷ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 284.

⁸ Com a derrota iminente na Primeira Guerra Mundial, os fortemente autocráticos e conservadores líderes militares da Alemanha acabaram por entregar o poder para o Partido Social-Democrata da Alemanha – PSD (*Sozialdemokratische Partei Deutschland*). Diante das circunstâncias, o PDT viu-se obrigado a negociar a paz (lê-se: a rendição alemã na Guerra). Em vista dessa nova realidade democrática, marcada por derrotas e humilhações, entre os alemães, criou-se um clima de nostalgia da poderosa Alemanha dos áureos tempos do Império.

⁹ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 287.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

Atreladas a esse histórico de discórdias e conflitos, Elias aponta as oscilações constantes na autoestima coletiva do povo alemão, as quais acabaram por obscurecer sobremaneira a visão dos próprios alemães quanto à sua identidade e valor. Este, portanto, foi outro fator decisivo para a ascensão de Hitler ao poder e o Holocausto. O povo alemão carecia de uma orientação, de um código de conduta aceito e compartilhado por todos, tal como havia na Inglaterra, por exemplo. Elias, no entanto, ao analisar o *way of life* dos britânicos detecta peculiaridades que os diferenciavam dos alemães em muitos aspectos. Segundo ele, a sociedade britânica estava particularmente habituada a certa tolerância das fraquezas humanas. Os britânicos aceitavam que a perfeição não era viável (mesmo para eles). Assim, muito embora houvesse um código coletivo de regras válido e respeitado por todos, observa Elias, eles “deixaram margem para os desvios das normas, assim como para as imperfeições e excentricidades individuais.”¹⁰ O mesmo, contudo, não se podia dizer dos alemães. Estes, na análise de Elias, eram extremamente rígidos e inflexíveis no seu modo de ser. O *way of life* alemão, por assim dizer, era baseado em um código de conduta de obediência total, sem quaisquer concessões a fraquezas humanas. As imperfeições não eram toleradas, e a insubordinação era severamente reprimida. Entre alemães, “o imperativo era categórico”: implicava agir em nome da Alemanha de maneira incontestável. Segundo Elias:

Era aí, na força irresistível de uma crença exclusiva, de uma incondicional crença nacional e social, que momentaneamente dava a seus seguidores um sentimento de onipotência e que tinha de ser obedecida a qualquer preço, que residia o perigo – um perigo que veio mais tarde a adquirir uma expressão de extraordinária virulência no movimento nazista.¹¹

O estigma da derrota e o nacionalismo exacerbado

Outra marca da sociedade alemã destacada por Elias é o estigma da derrota. Segundo ele:

Enquanto os britânicos, de acordo com as lições de história, pareciam estar convencidos, no mais profundo nível, de que venceriam sempre a última batalha mesmo que sofressem derrotas (uma convicção que os ajudou, de fato, a vencer), os alemães, por sua parte, mesmo quando eram vitoriosos, nunca pareciam ser capazes

¹⁰ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 289.

¹¹ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 202-203

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

de silenciar o sentimento de que perderiam a última batalha (o que contribuiu de forma acentuada para que acabassem perdendo-a).¹²

Então, em circunstâncias de crises, os alemães eram compelidos a lutar em nome da sua pátria, porém sempre assombrados pela sua provável destruição. Contudo, o “nós-ideal”, tão profundamente enraizado na consciência dos alemães, não os deixava recuar. Eles tinham de ir adiante, mesmo que o destino fosse a morte. O dever de servir à Alemanha era o maior dos mandamentos dirigidos indistintamente a todos os cidadãos. Diante disso, Elias observa que a exortação à morte heroica era outra marca da sociedade alemã atrelada ao nacionalismo exacerbado.

Em decorrência desta característica, presente tanto na estrutura da personalidade, como na formação de consciência e também no código de conduta dos alemães, Elias percebeu uma forte tendência da sociedade alemã à coerção do indivíduo. Este, de acordo com os ideais de obediência e serviço à pátria, era tolhido por todos os lados: de fora, pelo Estado, que lhe impunha regras de conduta e comportamento no corpo social; e, de dentro, pela própria consciência, que não lhe deixava furtar-se da imagem de “nós-ideal”. Desse modo, acostumados a coações externa e interna, os alemães apresentaram uma alta propensão aos padrões autocráticos. Havia, pois, segundo Elias, uma peculiar identificação dos alemães com a figura do opressor.

Quando, portanto, numa nação, ou alguns de seus poderosos setores, as formas de crença, consciência e ideais – em suma, os níveis de controle dentro da própria personalidade – são tradicionalmente rigorosas e autoritárias em extremo, como era o caso da Alemanha, as pessoas, com toda a probabilidade, voltar-se-ão para líderes com características semelhantes.¹³

A história de declínio da Alemanha

Além da identificação do indivíduo com o seu opressor, Elias realça outra peculiaridade da formação da personalidade dos alemães que contribuiu fortemente para a ascensão do nacional-socialismo: a história de declínio da Alemanha. O nacional-socialismo surgiu em um contexto histórico da sociedade alemã no qual a tendência à orientação voltada para o passado glorioso do Império chegara ao fim. A Alemanha, após a derrota de 1918, deixara de ser uma nação de primeira ordem no cenário europeu, assim como perdera a posição de destaque de um vasto império. Para Elias,

¹² ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 295.

¹³ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 305-306.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

“além de tudo o mais que foi responsável pela barbárie do período de Hitler, cumpre assinalar que uma de suas bases foi certamente a recusa em ver e aceitar esse desenvolvimento.”¹⁴

De fato, a necessidade de reconstrução da autoimagem nacional e de reafirmação dos valores individuais recaía sobre outras nações europeias também. Porém, para a Alemanha, tratava-se de uma empreitada especialmente mais complexa, pois, como apontado por Elias, o “nós-ideal” alemão não encontrava paralelo com a realidade cotidiana. Diante disso, comparativamente com outras nações,

O ideal nacional alemão era muito mais ambicioso e muitíssimo mais distante dos eventos reais. Como resultado, o seu caráter tirânico e opressivo veio à tona de um modo muito mais espalhafatoso numa situação de declínio.¹⁵

A Realpolitik e a crença na violência como decisivo instrumento político

Elias ressalta que o colapso das balizas civilizadoras ocorrido na Alemanha nazista foi particularmente profundo e inédito, tendo em vista a ira e os requintes de truculência dirigidos contra os judeus. Ele destaca que o movimento nacional-socialista, com seus ideais atrozes de aniquilação da população judaica, estava ligado a ideia que tinham os alemães de política, cuja significação assentava-se na palavra alemã *Realpolitik*. Segundo Elias, essa palavra trazia em sua raiz um componente relevante da crença nacional alemã que estava resumido nos seguintes termos por ele transcritos:

Seja o que for que outros possam dizer, a única visão realista é que a política se assenta no uso infrene da força. Em especial, a política internacional nada mais é do que a continuação da guerra por outros meios. Apesar de todas as belas palavras que os diplomatas possam usar, quando chega a hora de pôr as cartas na mesa, eles também confiam em seu “poderio” a fim de atingir seus objetivos políticos e, tal como os alemães, usam-no sem o menor escrúpulo. A única diferença é que os alemães são mais honestos.¹⁶

Vê-se, assim, que a ideologia nacional alemã na *Realpolitik* estava imbricada com a crença na guerra, com o uso da violência, da força bélica, como meio mais eficaz (*ultima ratio regum*) para pôr fim a conflitos entre povos e nações. Desse modo, “cientes de sua anterior fraqueza e nunca inteiramente seguros de sua força depois de 1871, os alemães eram propensos a colocar os aspectos do

¹⁴ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 307.

¹⁵ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 310.

¹⁶ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 322.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

poder da política acima de todos os outros.”¹⁷ Sendo assim, tanto em 1914, como em 1939, a *Realpolitik* estava orientada pela crença na violência física como decisivo instrumento político.

Hitler e o nacional-socialismo no poder: engodo e cegueira alemães

Dadas todas essas características peculiares da sociedade alemã que constituíram um terreno fértil para assentar a crença nazista e ali gerar os seus frutos envenenados, Elias conclui que o idealismo nacional coletivo em qualquer nação não passa de uma forma exacerbada e compartilhada de “egoísmo coletivo”. Há nele encravado uma hostilidade latente contra grupos de fora. Daí, a facilidade com que tal sistema de crenças é associado à política de força. Na Alemanha, no entanto, ressalta Elias, os objetivos bélicos pretendidos ilustram bem como a *Realpolitik* alemã, ao contrário do que acreditavam os alemães, era completamente “irreal”. No fundo, tratava-se de um anseio de criar um império alemão na Europa, nos moldes de uma “tradição absolutista, combinada com a imagem do antigo *Reich*”.¹⁸ A essas pretensões de guerra, dava-se o nome “política de potência” (*Politik der Stärke*). Entretanto, a pretensão de hegemonia (*furor hegemoniales*) alemã na Europa, levada a efeito pela expansão territorial por meio de um rigoroso monopólio da violência sobre os povos conquistados, não passava de um imenso devaneio, que logo se provou irrealizável. Fato é que:

A realidade tinha um aspecto diferente. O sonho pressupôs que as nações industriais ocidentais, em particular a Grã-Bretanha, tolerariam a expansão alemã e, como sócias e aliadas, repartiriam o governo do mundo com a Alemanha.¹⁹

Hitler simplesmente ignorou as consequências de empreender uma guerra entre nações industriais. “O sonho simplista – ‘matemos as populações dos territórios conquistados’ – que prometia diminuir o potencial humano de inimigos e esmagar sua vontade de resistir [...]”²⁰ acabou por debilitar substancialmente a produtividade industrial. Se, em sociedades pré-industriais, marcadas por excedentes de camponeses, o aniquilamento de populações hostis conquistadas era vantajoso para os vencedores; o mesmo não se podia dizer para as sociedades industriais. Tal conduta, premissa da expansão alemã, era, no contexto moderno industrial, contraproducente. Esse foi, portanto, um grande

¹⁷ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 323.

¹⁸ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 325.

¹⁹ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 327.

²⁰ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 328.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

dilema da guerra com o qual os nazistas tiveram de lidar: destruir os inimigos, ou usá-los como mão-de-obra. Segundo Elias, inclusive,

Não se pode rejeitar inteiramente a ideia de que o morticínio em massa de judeus tinha algo a ver com esse dilema. Os judeus também poderiam ter sido usados como força de trabalho. Mas, no seu caso, a hostilidade dos nacional-socialistas era tão irreprimível e o seu ódio tão forte que as chamadas considerações ‘racionais’ não puderam, por via de regra, prevalecer. Tem-se a impressão, por vezes, de que toda a raiva que os nazistas não podiam permitir-se descarregar contra seus outros inimigos e vítimas porque precisavam de sua mão-de-obra ou porque os grupos envolvidos eram, em geral, demasiado poderosos, era transferida contra os judeus, que, em termos de poder, eram os mais fracos de seus inimigos declarados.²¹

Elias observa, assim, que os alemães, impossibilitados de extravasar a sua ira contra seus adversários reais, descarregaram a raiva sobre inimigos cujo perigo e ameaça eram, em grande medida, apenas imaginários. No entanto, ao longo da guerra, os alemães viram-se obrigados a deixar de lado o sonho inicial de destruir as populações conquistadas, inclusive os próprios judeus, em função da crescente dependência de mão-de-obra. Essa mudança de estratégia pelos nazistas foi notória no tratamento de prisioneiros em campos de concentração a partir de 1942. Além desse dilema de guerra, havia o problema da desproporcionalidade entre a população alemã à disposição do nacional-socialismo e as populações que se pretendiam subjugar. Para Elias, os líderes nazistas não ignoravam tal fato, porém as suas crenças sociais, destacadamente a convicção na superioridade da raça ariana, impediram-lhe de enxergar o problema na sua real magnitude.

O credo nazista representou os alemães como um povo com uma missão ímpar no mundo, como o “povo eleito”. De acordo com a mais democrática divisão de poder que tinha sido realizada a partir de 1918, foi permitido a todos os alemães, não só aos nobres, aos ricos e aos educados, sentirem que pertenciam à elite da humanidade – pelo menos, se tivessem a cabeça e a forma de corpo corretas ou os ancestrais certos, isto é, se pertencessem à raça certa.²²

Assim, com a introdução de um conceito relativamente vago como “raça”, criou-se ampla base ideológica para uma pretensão de superioridade capaz de alcançar a população. Essa estratégia de dominação com participação das massas não era exclusividade dos alemães. De acordo com Elias, ela integrava o pacote muito usado naqueles tempos: “uma nova religião social como instrumento de construção imperial, como um meio para manter e

²¹ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 329.

²² ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 331.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

estabilizar o domínio de uma minoria sobre uma maioria mantida em sujeição”.²³ Mesmo adotando alguns instrumentos políticos em desenvolvimento no cenário europeu, os nacional-socialistas inovaram em aspectos-chave, relativamente aos quais contavam com a ampla adesão de outras nações, destacadamente na condução da política de disseminação de sentimentos antijudaicos pela Europa. Contudo, Elias destaca:

Os aspectos fantasiosos do sistema de crença nazista eram tão óbvios e grosseiros que, em outros países, ainda mais que na Alemanha, a sua atração foi maior entre pessoas de escassa cultura e proscritos sociais. Se atraiu alguns membros de outras nações, repeliu um número muitíssimo superior. E o tipo de pessoas de que se compunha a elite nazista não era particularmente adequado para a tarefa de propagação do seu credo entre os não-alemães.²⁴

Para Elias, portanto, os líderes nazistas subestimaram as outras nações europeias, ao pressuporem que elas desconsiderariam o seu próprio sistema de crenças e seu próprio orgulho nacional, para adotarem o aparato ideológico nazista. Hitler não levou em conta o tipo de relação que era mantida entre os governantes e governados nas outras sociedades e, desse modo, não percebeu as diferenças fundamentais que havia entre a sua nação e as demais. A história da Alemanha, até então, tinha sido fortemente marcada por derrotas, como vimos. Como tal, era caracterizada por prolongada fraqueza em face das potências europeias, de onde advieram sentimentos fortemente enraizados na população alemã de inferioridade, vergonha e humilhação. Por conta disso, no caso específico da Alemanha, Elias entende que o orgulho nacional e a autoestima dos alemães

Só poderiam ser satisfeitos se engolissem seu orgulho em relação aos seus governantes; pois só estes, assim parecia, – e como fora comprovadamente o caso por várias décadas – estavam em posição de erguê-los de sua insignificância e de integrá-los nas fileiras das grandes e poderosas potências.²⁵

Elias aponta justamente essa disposição dos alemães a depositarem o seu destino, a sua salvação, nas mãos do governante como explicação para o “desejo de submissão” peculiar daquela sociedade. Tratava-se de uma condição da qual os alemães não podiam se apartar, em vista das coações externa (do Estado) e interna (da própria consciência) que lhe impunham o “ideal pátrio” a ser seguido a qualquer custo. Para Elias, essa foi a areia movediça na qual caíram os alemães. Esse “desejo de submissão” não tardou a transformar-se em “desejo de agressão”. Nas palavras de Elias:

²³ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 332.

²⁴ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 333.

²⁵ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 335.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

A hostilidade, que é bloqueada da consciência e expressão em relação a superiores poderosos, pode mostrar-se como ressentimento ou ódio contra pessoas que são, ou parecem ser, socialmente inferiores ou mais fracas. Na Alemanha, havia uma metáfora característica para esse tipo de deslocamento. Falava-se de certos gêneros de pessoas como *Radfahrer*, ou seja, ciclistas, porque inclinam as costas diante daqueles que estão acima deles e pisam nos que estão por baixo.²⁶

Para Elias, os judeus foram vítimas desse tipo de hostilidade. Mesmo antes de 1933, grande parte dos alemães já considerava que os judeus constituíam um grupo socialmente inferior. Segundo ele, o fato de a maioria dos judeus alemães parecer ignorar inteiramente esse *status* inferior que lhes era imputado constituía uma das causas da fúria despertada nos alemães contra eles. Somava-se a isso, destaca Elias, o fato de o povo alemão, que vivia sob forte pressão social, tendo de suportar coações de todos os lados, identificar-se com os seus superiores opressores. Para justificar a sua própria posição de inferioridade, essa massa oprimida projetou todo o seu rancor naqueles que consideravam inferiores e ainda mais fracos socialmente: os judeus.

Elias sublinha que o sistema de crenças do nacional-socialismo era um terreno fértil para se plantar os mecanismos *Radfahrer* tanto velhos como novos. Ele destaca que alguns rituais praticados pelos oficiais da SS nos campos de concentração reforçam esse deslocamento do “desejo de submissão” dos alemães para com o governante para o “desejo de agressão” dos alemães para com os judeus. São eloquentes as palavras de um ex-prisioneiro, cujo relato Elias cita e que transcrevemos a seguir:

Usualmente, a iniciação típica de prisioneiros ocorria durante o trânsito da prisão local para o campo de concentração. Se a distância era curta, o transporte era frequentemente em marcha lenta a fim de dar tempo suficiente para quebrar o ânimo dos prisioneiros. Durante seu transporte inicial para o campo, os prisioneiros eram expostos à tortura quase constante. A natureza dos maus-tratos dependia da fantasia do homem das SS encarregado de um grupo de prisioneiros. Todos tinham, porém, um padrão bem definido. A punição física consistia em chicotadas, frequentes pontapés (abdômen ou virilhas), bofetadas no rosto, tiros os ferimentos com baioneta. Alternavam com tentativas para produzir extrema exaustão. Por exemplo, os prisioneiros eram forçados a manter-se de olhos abertos durante horas em frente de luzes ofuscantes, ficar de joelhos horas a fio, e assim por diante.

De tempos em tempos, um prisioneiro era morto, mas a nenhum prisioneiro era permitido cuidar de seus ferimentos ou dos de um companheiro. Os guardas também forçavam os prisioneiros a agredir-se mutuamente e a profanar o que os SS consideravam ser os valores diletos dos prisioneiros. Eram forçados a amaldiçoar o seu Deus, a acusar-se uns aos outros de cometerem ações infames, e suas esposas de adultério e prostituição. Nunca encontrei um prisioneiro que estivesse escapado a esse tipo de iniciação, a qual durava no mínimo doze horas e, com frequência, muito mais. [...]

²⁶ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 336.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

A finalidade desses maciços maus-tratos iniciais era traumatizar os prisioneiros e quebrar sua resistência; mudar-lhes pelo menos o comportamento, se não a personalidade. Isso podia ser notado a partir do fato de que as torturas tornavam-se cada vez menos violentas à medida que os prisioneiros paravam de resistir e obedeciam imediatamente a qualquer ordem dos SS, por mais brutal ou ultrajante que fosse.²⁷

Diante da conjuntura social dos alemães, particularmente da identificação dos guardas nazistas com um superior excessivamente cruel e opressor, e de toda a amargura sufocada decorrente dessa situação, embora aterrorizante, o tratamento inicial dado aos prisioneiros não era de todo desmotivado. Os impulsos latentes outrora reprimidos em nome da obediência e subordinação às autoridades, com o deslocamento de sentimentos, culminando com o “desejo de opressão”, encontraram, finalmente, a sua válvula de escape. Em relação aos prisioneiros, os próprios guardas desempenharam o papel de chefes cruéis e tirânicos.

Assim, não é surpreendente que, por sua parte, eles impusessem com zelo e ainda mais rigorosamente a “obediência cadáver” [Kadavergehorsam] aos prisioneiros. Todo o indício de independência, o menor sinal de rebelião, tinha de ser violentamente esmagado. Nada era permitido aos prisioneiros, salvo a absoluta submissão. [...] E, assim, infligiram-lhes tudo o que tinham secretamente desejado infligir a outros. Fizeram-lhes coisas que em sociedades organizadas até as crianças são proibidas de fazer, e tiraram desforra por todos os desapontamentos que tinham sofrido.²⁸

Elias destaca que todas essas atrocidades aconteceram sob a crença generalizada no “imperativo categórico de ação no Terceiro Reich”, expressão que, nas palavras de um dos mais altos funcionários do Estado hitlerista, Hans Frank, *Reichminister* e governador-geral da Polônia ocupada, queria dizer: “aja de um modo tal que o Führer, se tivesse conhecimento de sua ação, a aprovaria.”²⁹ Tratava-se de uma máxima que era sintomática de uma sociedade cuja tradição política era marcadamente autocrática, conforme vimos. Por conta disso também, ressalta Elias, a consciência individual dos alemães mostrava-se consideravelmente fraca. Tanto é assim que: “para fins de autocontrole, eles precisavam da ajuda de um Estado forte e, em situações de crise, era precisamente por isso que ansiavam.”³⁰ Portanto, na luta entre um Estado forte e opressor e uma consciência frágil e acuada, prevaleceu o controle do primeiro.

²⁷ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 337.

²⁸ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 338-339.

²⁹ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 339.

³⁰ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 339.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

Assim, contando sempre com a figura de um chefe de Estado poderoso e protetor, o que, na verdade, os alemães acabaram por delegar foi a sua capacidade de pensar e julgar por si próprios. Os alemães, em nome da obediência ao *Führer*, abdicaram da própria liberdade e, em certa medida, da própria humanidade. Essa estrutura da personalidade alemã, marcada por alta dependência do comportamento individual ao controle do Estado, propiciou a ascensão de Hitler ao poder e legitimou a sua liderança e autoridade. A própria personalidade dele se ajustou como uma luva aos anseios dos alemães. Segundo Elias:

Um dos maiores talentos de Hitler – e um dos principais fatores de seu sucesso – era o seu entendimento intuitivo, emocional, das necessidades que um líder dos alemães e sua equipe tinham de satisfazer numa situação crítica. Suas próprias necessidades emocionais correspondiam às dos seus seguidores.³¹

Hitler foi visto, portanto, como uma personificação do próprio “nós-ideal” do povo alemão. Ele superou todos os anteriores líderes da República de Weimar no que concernia aos anseios emocionais dos alemães. Dentre eles, destaca-se o desejo dos alemães de serem conduzidos por um homem forte e poderoso. Os alemães estavam ávidos pela vinda de um salvador, a quem pudessem entregar o seu próprio destino, a quem pudessem delegar a responsabilidade pelo rumo da sua própria história. Os alemães estavam, enfim, desesperados para se verem livres de toda humilhação e vergonha impostas a seu país pelas nações vencedoras e ansiavam, mais do que qualquer outra coisa, recuperar a grandeza e o prestígio da Alemanha de outrora. Assim, diante de todas as necessidades e expectativas dos alemães, Hitler assumiu a função de um “chefe tribal”. Como tal, “com seu símbolo mágico, a suástica, invocou uma vez mais para as massas alemãs a *fata morgana*³² de um superior Reich alemão.”³³ Hitler prometia a salvação e a libertação de seu povo, mas não sem esforços, não sem sacrifícios, não sem um alto preço. Guardadas as devidas proporções, não deixa de se valer desse “jargão da autenticidade”³⁴ de um povo as palavras de Heidegger em sua famosa palestra para o reitorado, assumido em 1933. Ao convocar o estudantado para sua tarefa espiritual dentro da universidade, para além da mera especialização técnica das ciências, o então reitor escreve:

O conceito de liberdade do estudante alemão é reconduzido agora à sua verdade. A partir dela, desenrola-se futuramente o vínculo e o serviço do estudantado alemão.

³¹ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 343.

³² Trata-se de uma expressão que faz referência à fictícia feiticeira meia-irmã do Rei Arthur (Fada Morgana) que, segundo a lenda, tinha o poder de trocar de fisionomia. Neste sentido, designa uma miragem, uma ilusão.

³³ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 355.

³⁴ A expressão é de Adorno, em *Jargon der Eigentlichkeit*, texto escrito em 1962.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

O primeiro vínculo é o vínculo à comunidade do povo. Ele obriga a uma participação, que transporta e age em comum, nos esforços, aspirações e capacidades de todos os estados e membros do povo. Este vínculo é de agora em diante solidificado e enraizado na existência estudantil através do serviço de trabalho.

O segundo vínculo é o vínculo à honra e ao destino [Geschick] da nação no meio dos outros povos. Ele exige a preparação, assegurada no saber e no poder, e centrada através do cultivo, para a mobilização até ao último. Este vínculo abrange e penetra futuramente toda a existência estudantil como serviço militar.

O terceiro vínculo do estudantado é o vínculo ao encargo espiritual do povo alemão.³⁵

Em entrevista posterior ao *Der Spielger*, já em 1966, Heidegger reafirma sua crítica a uma liberdade acadêmica negativa, aquela “liberdade face ao estorço por aceitar aquilo que o estudo científico exige de reflexão e consciência”. Mas, ao explicar-se quanto à relação desse espírito reflexivo da universidade com o movimento político a ela concomitante (a nomeação de Hitler como chanceler do *Reich*), Heidegger responde:

A “auto-afirmação da Universidade” opõe-se à chamada “ciência política”, que já então era defendida pelo partido e pela associação de estudantes nacional-socialista. Essa designação tinha, nessa altura, um sentido completamente diferente do actual. Não significava, como agora, “politologia”, mas sim que o saber enquanto tal, o seu sentido e valor, se aprecia em função da sua utilidade fáctica para o povo. No meu discurso reitoral expressa-se a posição propositadamente antagónica desta politização do saber.³⁶

Claro que há muito mais na filosofia heideggeriana que apenas um “jargão da autenticidade”, mas não é nosso intuito comentar tal pensamento. Fica evidente, entretanto, o recurso constante à noção de povo distante daquela circunscrita pelas “ciências políticas”.

Esse afastamento do “político” pode ser lido, também, pela interpretação de Elias. Em seu obstinado sonho de concretização da Alemanha idealizada, os alemães seduzidos pelo movimento nacional-socialista abdicaram de todas as normas de decência, respeito e civilidade. Abandonaram a razão e sufocaram os sentimentos que os levariam a reconhecer suas vítimas como seus semelhantes. Segundo Elias, essa disposição dos alemães para seguir cegamente as determinações dos governantes pode ser assim explicada:

Habitados a confiar, para reforço de suas consciências, nos representantes do Estado, sentiam-se profundamente perturbados por qualquer conflito entre o padrão de controle pelo Estado e o de controle pela consciência. Por isso, esforçaram-se por apagar automaticamente qualquer evento que ameaçasse gerar tal conflito. Não o

³⁵ HEIDEGGER, Martin. *A Autoafirmação da universidade alemã*. Tradução de: Alexandre Franco Sá. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009. P. 9

³⁶ HEIDEGGER, Martin. *Já só um Deus nos pode ainda salvar*. Tradução de: Irene Borges Duarte. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009b. P. 10

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

admitiam – não queriam tomar conhecimento dele. Mais tarde, perguntava-se com frequência: “Mas você deve ter ouvido falar do que estava acontecendo nos campos de concentração, não é verdade?” A resposta era sempre a mesma: “Eu não sabia.” Tentaram o melhor que puderam não perceber qualquer dissabor. No conflito entre um Estado poderoso e uma consciência pessoal relativamente fraca e dependente, o primeiro não pôde deixar de prevalecer. O controle do Estado suplantou o controle da consciência.³⁷

Então, quando Hitler chega ao poder, ele tem uma parcela considerável da nação que acredita ser absolutamente normal fazer o que ele disser. Os que fizeram oposição ao regime tiveram de fugir de sua pátria. Suas vozes foram sufocadas. Muitos foram mortos. Bombardeados durante anos pelas propagandas que veiculavam a potencial ameaça do povo judeu e a sua corrupção como raça e iludidos pelas crenças e promessas do nacional-socialismo de recuperar o antigo poder e prestígio da Alemanha entre as potências europeias, muitos alemães deixaram-se envolver, segundo Elias, “num casulo de fantasias coletivas”. Assim, quando o governo permitiu privar os judeus dos direitos humanos mais fundamentais e afirmou que era imperativo exterminar essas pessoas inferiores, eles obedeceram. O esforço para tornar real a quimera de um “nós-ideal” altivo e poderoso foi proporcional à opressão, à selvageria e à barbárie empreendidas pelos nazistas. Tudo, ressalta Elias, “para dar à Alemanha, uma vez mais, a aparência de grandeza e evitar o choque da descoberta de que os dias de preeminência alemã e o sonho de um *Reich* tinham terminado.”³⁸

Quando, entretanto, a derrota mostrou-se iminente, o povo obediente estava anestesiado. E, quando a derrota efetivamente ocorreu, com o fim da Guerra em 1945, o povo obediente saía culpado. Demasiadamente culpado. O tema é retomado por Arendt em vários textos, entre eles no manuscrito intitulado *Responsabilidade pessoal sob a ditadura*, de 1964. A autora questiona os mecanismos da “culpa coletiva”. Pergunta-se sobre o que seria esta culpa “de um povo” cuja dupla função seria, ao mesmo tempo, expiar o pesar de “um passado coletivo” algo mítico e inocentar a responsabilidade individual de cada um dos representantes de um Estado instituído politicamente. Escreve Arendt:

Alguns anos atrás, a execução da sentença de morte para Eichmann despertou oposição amplamente difundida, sob a alegação de que poderia aliviar a consciência dos alemães comuns e “servir para expiar a culpa sentida por muitos jovens na Alemanha”, nas palavras de Martin Buber. Bem, se os jovens na Alemanha, jovens demais para terem feito qualquer coisa, sentem-se culpados, eles estão errados, confusos ou utilizando jogos intelectuais. Não existem coisas como a culpa coletiva ou a inocência coletiva. A culpa e a inocência só fazem sentido se aplicadas a indivíduos.³⁹

³⁷ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 340.

³⁸ ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355. P. 355.

³⁹ ARENDT, Hannah. “Responsabilidade pessoal sobre a ditadura”. In: *Responsabilidade e julgamento*. Tradução de: Rosaura Einchenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 79-111. P. 91

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O colapso da civilização: as condições de possibilidade do nacional-socialismo segundo
Norbert Elias

Como na análise de Elias, os componentes míticos da noção de povo confrontam-se às dimensões políticas (e jurídicas) da conformação dos Estados e das instituições. Arendt parte de um julgamento paradigmático: o do burocrata Eichmann. Não se julga um povo ou uma história, mas um homem em relação às suas ações, frente às implicações políticas e institucionais de um Estado. Em um tribunal, julga-se. E o veredito foi de culpa.

Referências

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.

_____. *Origens do totalitarismo*. Tradução de: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b.

_____. “Responsabilidade pessoal sobre a ditadura”. In: *Responsabilidade e julgamento*. Tradução de: Rosaura Einchenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 79-111.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e Técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3 ed. Tradução de: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ELIAS, Norbert. “O colapso da civilização”. In: *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp. 267-355.

FINKIELKRAUT, Alain. *A memória vã: do crime contra a humanidade*. Tradução de: Rosa Freire d’Aguiar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HEIDEGGER, Martin. *A Autoafirmação da universidade alemã*. Tradução de: Alexandre Franco Sá. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009a.

_____. *Já só um Deus nos pode ainda salvar*. Tradução de: Irene Borges Duarte. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009b.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 87-102
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------